

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Método de estudos, religiões,
espiritualidade, conhecimento e fé.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-033-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON33

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 81 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO	8
1.1. SOBRE A RELIGIÃO	9
1.2. SENSO RELIGIOSO.....	10
1.3. PARADIGMAS	11
1.4. QUAL A IMPORTÂNCIA DAS PRESSUPOSIÇÕES DE UMA SOCIEDADE?	12
1.5. QUAL A DIFERENÇA ENTRE O HOMEM COMUM E O CIENTISTA?	13
1.6. A VERDADE CIENTÍFICA X VERDADE RELIGIOSA.....	13
1.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SISTEMAS DE CRENÇAS DOS INDIVÍDUOS.....	13
1.8. QUAL A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA A SOCIEDADE?	14
1.9. A PROTEÇÃO CONSTITUCIONAL DA RELIGIÃO	15
1.10. A USURPAÇÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA BÁSICA	16
2 - POR UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA: O SIMBOLISMO RELIGIOSO	18
2.1. A FINALIDADE DO SIMBOLISMO RELIGIOSO.....	18
2.2. A VIDA RELIGIOSA E O SIMBOLISMO.....	18
3 - O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA SOCIOLOGIA	21
3.1. O MÉTODO E OS MÉTODOS	21
3.2. MÉTODO HISTÓRICO.....	21
3.3. MÉTODO COMPARATIVO	21
3.4. MÉTODO MONOGRÁFICO	22
3.5. MÉTODO ESTÁTICO	22
3.6. MÉTODO TIPOLÓGICO.....	22
3.7. MÉTODO FUNCIONALISTA	22
3.8. MÉTODO ESTRUTURALISTA	23
4 - A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO EM HUME E DURKHEIM	25
4.1. HUME.....	25
4.2. DURKHEIM.....	26
5 - A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO EM MAX WEBER	29
5.1. O QUE WEBER MOSTRA EM RELAÇÃO A RELIGIÃO?.....	29
5.2. A VISÃO RELIGIOSA DE MAX WEBER SEGUNDO BOURDIEU.....	30
5.3. APONTAMENTOS CRÍTICOS	36
5.4. A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA	37
5.5. RELIGIOSIDADE E RACIONALIDADE ECONÔMICA	37
5.6. ÉTOS CALVINISTA E ESPÍRITO DO CAPITALISMO.....	37
5.7. AFINIDADE ELETIVA	38
5.8. RELIGIÕES ORIENTAIS.....	38

6 - O CRISTÃO EM UMA SOCIEDADE NÃO-CRISTÃ.....	41
7 - A LEI MOSAICA E OS PROFETAS	45
7.1. Os PROFETAS	46
8 - JESUS E OS APÓSTOLOS	52
8.1. JESUS.....	52
8.2. Os APÓSTOLOS.....	53
9 - RELIGIÃO NO BRASIL.....	55
9.1. CATOLICISMO	55
9.2. PROTESTANTISMO	56
9.3. NÃO-RELIGIOSOS	57
9.4. ESPIRITISMO.....	57
9.5. RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	58
9.6. RELIGIÃO BRASILEIRA	59
9.7. NEOPAGANISMO	59
9.8. XAMANISMO	59
9.9. A RELIGIOSIDADE ATUAL.....	59
10 - SOCIÓLOGOS CONCEITUANDO RELIGIÃO	64
10.1. ROUSSEAU	71
10.2. DURKHEIM.....	73
10.3. KARL MARX	77
10.4. MARX, SOCIÓLOGO DA RELIGIÃO?.....	78

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Sociologia da religião busca explicar as relações mútuas entre religião e sociedade.

Os estudos fundamentam-se na dimensão social da religião (a religião é uma instituição social) e na dimensão religiosa da sociedade (os indivíduos que compõem a sociedade são seres religiosos e praticam rituais revestidos de sacralidade).

WACH diz que a sociologia da religião estuda a inter-relação da religião com a sociedade, e as formas de interação que ocorrem de uma com a outra, e dá como básica para a sociologia da religião a hipótese de que “os impulsos, as idéias e as instituições religiosas influenciam as formas sociais e, por sua vez, são por elas influenciados, além de receberem o influxo da organização social e da estratificação.

Já NOTTINGHAM, entende que “o sociólogo da religião ocupa-se dela “como um aspecto do comportamento de grupo e estuda os papéis que a religião tem desempenhado através dos tempos.”

São campos de pesquisa da sociologia da religião:

- Influências gerais do grupo sobre a religião;
- Funções dos rituais nas sociedades;
- Tipologias de organizações religiosas e de respostas religiosas ao mundo ou a ordem social;
- Influências diretas ou indiretas dos sistemas ideais religiosos na sociedade e seus componentes ou elementos (como classes, grupos de nacionalidades, grupos étnicos) e da sociedade nos sistemas ideais;
- Análise específica de números de seitas religiosas e movimentos tais como mormonismo e testemunhas de Jeová;
- Interação de entidades religiosas significativas em âmbito local ou de comunidade;
- Avaliações conscientes ocasionais, feitas por porta-vozes para grupos religiosos mais importantes, das circunstâncias sociais nas quais os grupos se encontram.

Esta relação está incompleta e seus itens aparecem por isso menos especificamente sugeridos do que poderiam ser, mas o caráter geral dos interesses da sociologia da religião aparece, assim, razoavelmente bem indicados.

Considerando que religião diz respeito a todos os homens, devemos, antes de mais nada, proceder a um auto-exame.

Para além das polémicas a respeito do lugar que cada saber ocupa no campo académico dedicado à religião (Camurça, 2008), parece não haver dúvidas de que as ciências sociais (antropologia, sociologia e ciência política) tenham muito a contribuir para a área. Prova disso é que a Sociologia da Religião é uma disciplina muito presente nos currículos de Ciência(s) da(s) Religião(ões). Pretende-se com este texto oferecer um recurso didático corpo discente que se inicia nesta área, não só das graduações, como também da pós, já que boa parte de ingressantes em especializações e mestrados advém de cursos variados (Artes, Teologia, Música, Letras, entre outros) nos quais talvez não tenham tido maior contato com a literatura sociológica.

Se por um lado a Sociologia é um importante recurso para o conhecimento dos “fatos religiosos”, também não se pode esquecer que religião, como fenômeno social, interessa muito à teoria social. Na síntese de Costa (2009), “fazer sociologia de uma sociedade implica, mais tarde ou mais cedo, fazer sociologia da religião”. Na de Maduro (1981), “a sociologia já nasceu como sociologia das religiões”. Este último, disse isso a respeito do contexto em que emergiram as primeiras abordagens sociológicas, quando entre os importantes processos que transformavam a sociedade europeia no século XIX, constatava-se uma profunda crise do cristianismo. Como o pensamento sociológico já surgiu em uma conjuntura em que o próprio conhecimento se emancipava da tutela da religião, por vezes se viu desafiado não só a analisar religiões como fatos sociais, mas também a pensar como os processos sociais mais amplos condicionam o religioso ou podem ser influenciados por ele.

É diante desse quadro que sugeriram as primeiras abordagens sociológicas, de modo que aqueles que realizaram os primeiros trabalhos de sociologia tiveram que se pronunciar de alguma forma sobre religião. Alguns, mais do que dizer algo, realizaram análises aprofundadas dos fenômenos religiosos como fenômenos sociais. Por isso o prisma sociológico tornou-se muito importante para o conhecimento da religião.

1.1. Sobre a Religião

Ao longo de milhares de anos, a religião tem evidenciado um importante papel na vivência dos seres humanos. Apesar da universalidade que caracteriza o fenômeno religioso, de uma forma ou outra, a religião marca presença em todas as sociedades humanas, influenciando a forma como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia.

Não existe uma definição de religião genericamente aceita, a sua concepção varia naturalmente de sociedade para sociedade, cultura para cultura.

Não obstante a isto, pode-se enumerar algumas das principais características “comuns” ou “partilhadas” entre todas as religiões:

- Tradicionalmente, as diferentes religiões evidenciam um sistema de crenças no sobrenatural, envolvendo majoritariamente Deuses ou divindades.
- Implicam igualmente um conjunto de símbolos; sentimentos e práticas religiosas.
- Paralelamente, a religião apresenta-se como um fenômeno social e não apenas individual. O referido atributo de fenômeno social atribuído à religião perpetua-se através das cerimônias habituais, que decorrem predominantemente em locais de culto indicados para tal: igrejas, templos ou santuários.
- Resumidamente, apresentam-se os principais indicadores comuns às várias religiões, que contribuem para uma melhor compreensão do fenômeno religioso:
 - A tendência para a sacralização de determinados locais;
 - A forte interação com o divino;
 - A exposição de grandes narrativas que explicam, legitimam e fundamentam o começo do mundo e sua existência.

1.2. Senso Religioso

O homem tem como dado emergente em seu comportamento – o que, como tendência, atinge toda a sua atividade – a interrogação sobre tudo o que realiza: “Que sentido tem tudo?”

Como escreve o teólogo italiano Luigi Giussani: “O fator religioso representa a natureza do nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: “Qual é o significado último da existência? Por que existem a dor, a morte? Por que, no fundo, vale a pena viver?” Ou, a partir de outro ponto de vista: “De que e para que é feita a realidade?”.

O senso religioso coloca-se dentro da realidade do nosso “eu” ao nível dessas perguntas: coincide com aquele compromisso radical do nosso eu com a vida, que se mostra nessas perguntas”.

O senso religioso surge em nossa consciência através de perguntas nascidas no encontro com a filosofia, a arte e toda a realidade circundante. Ele proporciona ao homem uma abertura na busca de uma resposta totalizante.

Dessa forma, segundo Giussani, é que o senso religioso define o ‘eu’: “o lugar da natureza onde é afirmado o significado do todo”.

O senso religioso é, pois, o ímpeto que move o homem rumo à busca da exigência primordial da razão humana: a do significado.

1.3. Paradigmas

Paradigma (do grego Parádeigma) literalmente modelo, é a representação de um padrão a ser seguido.

É um pressuposto filosófico, matriz, ou seja, uma teoria, um conhecimento que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo; uma referência inicial como base de modelo para estudos e pesquisas.

A palavra paradigma é geralmente utilizada no contexto de mudança de paradigmas, ou seja, a mudança de um conjunto de idéias básicas generalizadas e compartilhadas sobre a maneira de funcionar do mundo para novas possibilidades de entendimento do real, mudando-se ou ampliando-se o entendimento convencional do real. Esta palavra foi popularizada pelo físico Thomas Kuhn em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado em 1962.

Os paradigmas funcionam como uma lente colorida através da qual ela enxerga o mundo.

Para evitar que existam tantas lentes ou percepções diferentes de uma mesma realidade quanto é o número de pessoas existentes sobre a terra é que existem os paradigmas, que são lentes padronizadas através das quais se olha para uma mesma realidade.

Paradigmas são os filtros de percepção que criam a nossa realidade subjetiva. Apenas poderemos ver (entenda-se “perceber”) o mundo de outra forma se modificarmos nossos paradigmas.

Conjuntos de crenças ou verdades relacionadas entre si são chamados de paradigmas. Podemos falar do paradigma espiritual, por exemplo. Vírus e bactérias como causas de doenças é outro paradigma, distinto da medicina psicossomática. A medicina oriental há milênios tem em seu paradigma uma energia vital, chamada de prana ou chi (entre outros nomes), que não está presente no paradigma ocidental, exceto em medicinas e terapias alternativas.

Paradigmas e crenças podem subsistir por séculos. O Sol girou em torno da Terra por 1.400 anos. A Física até o início do século tinha as leis de Newton como um de seus principais paradigmas. Com a Teoria da Relatividade, esse passou a ser um caso especial de outro paradigma. E continua mudando; no livro *Universo Elegante*, Brian Greene diz por exemplo que “A sugestão de que o nosso universo poderia ter mais de três dimensões pode parecer supérflua, bizarra ou mística. Na realidade, contudo, ela é concreta, e perfeitamente plausível”.

Crenças e verdades dificilmente subsistem por si só; normalmente elas estão agrupadas, sustentando umas às outras. Por exemplo, acreditar em Jesus Cristo está vinculado a acreditar em coisas espirituais, podendo estar associado também à crença na existência do diabo e de outros mundos ou dimensões. Acreditar no diabo envolve também acreditar que nossas escolhas podem ser influenciadas por fatores externos e ocultos.

Mudar um paradigma pode ser difícil, já que em geral está enraizado nas profundezas do inconsciente e por vezes não sujeito a questionamento ou atualização por feedback. Mesmo no meio científico isto ocorre: o próprio Einstein, que revolucionou os paradigmas da Física, teve dificuldades em aceitar a revolução seguinte, a da Mecânica Quântica. Max Planck (citado por Stanislav Grof no livro *Além do Cérebro*) disse que “uma nova verdade científica triunfa não porque convença seus oponentes fazendo-os ver a luz, mas porque eles eventualmente morrem, e uma nova geração cresce familiarizando-se com ela”.

Robert Dilts, no livro *Crenças*, conta que curou o câncer de sua mãe trabalhando durante quatro dias mudando crenças limitantes e resolvendo conflitos.

Lewis Munford observa que “Cada transformação do homem... apóia-se numa nova base ideológica e metafísica (= visão de mundo); ou melhor, sobre as comoções e intuições mais profundas, cuja expressão racionalizada assume a forma de uma teoria ou visão de cosmos, homem e natureza” (cit. in Harman, 1989).

1.4. Qual a Importância das Pressuposições de Uma Sociedade?

Cada sociedade existente ou que já existiu tinha por base - o que lhe dá ou davam suas características próprias - alguns pressupostos comuns, compartilhados a toda a sua população, ou à uma parcela significativa dela, na forma de um conjunto de premissas básicas que dão identidade à uma forma de ser no mundo.

Estas pressuposições básicas são formadoras do pensamento coletivo e constituem um conjunto de referenciais teóricos (ainda que tacitamente vigentes) e que estabelecem em linhas gerais quem somos, em que tipo de universo estamos, e o que é importante ou não para nós (ou que pensamos ser para nós).

Muitas destas pressuposições são visíveis na constituição de instituições e costumes culturais (por exemplo, na divisão tripartite dos poderes no Estado moderno, elaboração e criação feitas pelo Iluminismo), padrões de pensamento e sistemas de valores vigentes na sociedade, e são tão aceitas, como lugar comum, que são ensinadas de modo indireto pelo contexto social em que se vive, ou/e tão assimiladas e introjetadas que passam a ser encaradas (caso se pensam nelas), como o óbvio (por exemplo, a competitividade das pessoas refletindo a das empresas que, por sua vez, refletem a “natural” competitividade

animal - que realmente tem bem pouco da feroz competitividade refletida do homem,etc) e dificilmente são questionados.

1.5. Qual a Diferença Entre o Homem Comum e o Cientista?

A diferença entre o homem comum e o cientista está em que este último geralmente adota - e isto é ainda mais real na ciência moderna – um conjunto de pressupostos que o fazem explicar os fenômenos de uma maneira apropriada a certos critérios aceitos como sendo científicos, critérios estes que em muitas ciências apresentam um aspecto reducionista, ou seja, explicado a partir da redução de fenômenos complexos a certos elementos ou acontecimentos elementares. É o cientificismo.

A sociologia, e seu método cartesiano, já obteve no meio científico o amplo reconhecimento da academia como de extrema eficácia para se atingir uma “verdadeira” compreensão da natureza, e, portanto, é considerada por muitos cientistas como apta a substituir as cristalizadas religiões dogmáticas na explicação da origem e funcionamento do mundo.

1.6. A Verdade Científica x Verdade Religiosa

A possibilidade de descobrir todas as leis naturais do mundo, seguindo o exemplo bem sucedido as leis do movimento de Newton, por meio de procedimentos de experimentação, dedução e indução, por terem sido bem sucedidos na biologia e na medicina (embora em parte), havia estimulado uma euforia racionalista e acabando por adquirir “parte da sacralidade que antes pertencia às explicações religiosas: a de descobrir e apontar aos homens o caminho em direção à verdade.

A ciência já não parecia uma forma particular e especializada de saber, mas a única capaz de explicar a vida, abolir e suplantando as crenças religiosas e até mesmo as discussões éticas. Supunha-se que, utilizando-se adequadamente os métodos de investigação, a verdade se descortinaria diante dos cientistas - os novos 'magos' da civilização -, quaisquer que fossem suas opiniões pessoais, seus valores éticos sobre o bem e o mal, o certo e o errado” (CRISTINA COSTA, Sociologia, p. 41 Ed. Moderna, 1999).

1.7. Algumas Considerações Sobre os Sistemas de Crenças dos Indivíduos

“O sistema total de crenças de uma pessoa consiste num conjunto de crenças e expectativas - expressas ou não, implícitas e explícitas, conscientes e inconscientes - que ela aceita como verdadeiras com relação ao mundo em que vive.”

Esse sistema de crenças não precisa ter consistência lógica; na verdade, provavelmente nunca a tenha. Pode ser dividido em compartimentos contendo crenças logicamente contraditórias e não contraditórias. Inconscientemente, a pessoa rechaça os sinais que possam revelar tal contradição interior. Observem que essa decisão de não se tornar conscientemente cômico de algo é inconsciente. Nós optamos, como também acreditamos inconscientemente (...) A forma como percebemos a realidade é fortemente influenciada por crenças, adquiridas do meio, de forma inconsciente. Os fenômenos de recusa e de resistência na psicoterapia ilustram a intensidade com que tendemos a não ver coisas que ameaçam imagens profundamente enraizadas, conflitantes com crenças bastante conservadoras. Pesquisas demonstram reiteradamente que nossas percepções e “verificações” da realidade são influenciadas muito mais do que geralmente se acredita, por crenças, atitudes e outros processos mentais, sem o que, grande parte desses processos é inconsciente. “Essa influência de crenças sobre a percepção se intensifica quando um grande número de pessoas acredita na mesma coisa. Os antropólogos culturais documentaram em detalhe de que modo pessoas que crescem em culturas diferentes percebem com clareza realidades diferentes” (Willis Harman, 1994).

Os Grandes Paradigmas na história da humanidade: Misticismo (mitologia), Animismo, politeísmo, democracia, monoteísmo, feudalismo, Estadismo, capitalismo, socialismo, modernidade, iluminismo.

Os Grandes Paradigmas na história do cristianismo: monoteísmo, dogmatismo, trindade, catolicismo, sacerdócio universal, missionarismo, biblicismo, empirismo, pentecostalismo, neo-pentecostalismo.

1.8. Qual a Importância da Religião Para a Sociedade?

“[Nós] não temos um governo munido do poder de competir com as paixões humanas desencadeadas pela moralidade e pela religião.” — John Adams

A crença e a formação religiosa permanecem até hoje na alma da filosofia moral da sociedade. A religião não só ensina a virtude, como catalisa a ação moral. Como tal, a religião desempenha um papel essencial na sociedade que lhe garante uma consideração especial. Este papel foi perfeitamente descrito por um economista chinês que estudava a democracia na América. “No vosso passado”, explicou o economista, “a maioria dos americanos frequentavam uma igreja ou uma sinagoga semanalmente. Lá, na vossa tenra idade, aprenderam que deviam obedecer à lei de livre vontade; que deviam respeitar a propriedade dos outros e não roubar. Foram ensinados que nunca deviam mentir e que deviam respeitar a vida e a liberdade dos outros na medida em que respeitavam a vossa. Os Americanos seguiam estas regras porque acreditavam que mesmo que a polícia não os

apanhasse por desobedecerem à lei, Deus os castigaria. A democracia funciona porque a maioria das pessoas, na maioria das vezes, obedeciam às leis de livre vontade”.

Estas observações qualitativas são corroboradas por pesquisas quantitativas. Muitos estudiosos reuniram evidências empíricas que demonstram a forte correlação entre a prática religiosa contemporânea na América e o comportamento virtuoso. A título de exemplo, os cidadãos mais religiosos tendem a ser vizinhos mais generosos e com mais espírito cívico. Segundo as estimativas, mais de 90 por cento das pessoas que frequentam as suas igrejas semanalmente contribuem com doações para a caridade, e cerca de 70 por cento delas se voluntariam para causas de índole caritativa.

Alguns aclamam estas boas obras, mas tendem a desvalorizar as crenças e as práticas que as motivam. Estes esforços são infelizes. Determinadas crenças e práticas religiosas são fundamentais para as ações morais que desencadeiam. Existem diversos exemplos de crenças religiosas que inspiram comunidades a atos profundos de caridade e serviço altruísta. Estas contribuições positivas salientam a necessidade de preservar o direito humano fundamental da liberdade religiosa.

Na verdade, preservar a liberdade religiosa também traz os seus benefícios. Aliada a outras liberdades, a liberdade religiosa impulsiona o progresso socioeconómico da sociedade e reduz os conflitos mais violentos. Consequentemente, as sociedades são mais propensas a florescer quando os cidadãos têm esta liberdade de expressar as suas crenças mais profundas e os seus ideais mais elevados. Em suma, a religião e a liberdade religiosa contribuem para uma sociedade mais pacífica, estável e caridosa.

1.9. A Proteção Constitucional da Religião

Para que estes efeitos surjam, a proteção da liberdade religiosa deve estender-se para além da liberdade de adoração. A liberdade religiosa deve incluir a proteção da expressão pública de carácter religioso ou moral. As pessoas e as instituições religiosas continuam a desempenhar um papel importante moldando as questões morais e sociais por meio das vias democráticas apropriadas. Como acontece com outras organizações e causas dignas, as pessoas e as instituições religiosas merecem ser ouvidas na esfera pública – tanto as vozes religiosas como as seculares devem ser ouvidas.

É claro que, a aceitação da liberdade religiosa não pode ser feita em prejuízo de outros interesses da sociedade. A cláusula do exercício livre presente na Constituição dos Estados Unidos protege inequivocamente a religião nos Estados Unidos, mas o extremismo religioso que ameaça outros não é protegido. O governo pode impor (e faz) restrições razoáveis para garantir a segurança numa sociedade pluralista. No entanto, o processo legal e legislativo fornece um meio que permite, continuamente, proteger, moldar e definir

a liberdade religiosa para que esta não domine de modo absoluto. Embora as proteções razoáveis sejam bem-vindas, elas devem respeitar a separação saudável entre o governo e a religião, a qual permite que a religião possa prosperar.

Na realidade, a separação adequada entre a Igreja e o Estado tem o efeito de fortalecer as instituições religiosas e a comunidade em geral. Para exercerem a sua influência positiva, as organizações e os indivíduos religiosos devem manter-se distantes do governo - física, social e juridicamente – de modo a poderem praticar livremente a sua fé. Isto permite às instituições religiosas expressar a sua mensagem, decidir a sua identidade e viver as suas convicções de forma significativa. O espaço religioso deve continuar a ser respeitado e a religião não deve ser afastada.

1.10. A Usurpação da Liberdade Religiosa Básica

Infelizmente, o espaço religioso é cada vez mais reduzido pela visão de que a religião é uma questão exclusivamente privada. Esta tendência é desconcertante, especialmente para as pessoas religiosas.

Apesar desta usurpação, o papel da religião na sociedade continua a ser indispensável. O comentador do século 19, Alexis De Tocqueville, disse, referindo-se à democracia: “Quando uma religião, seja ela qual for, se enraíza profundamente numa democracia... preservem-na cuidadosamente como a herança mais preciosa.” Hoje em dia, a Religião continua a ser uma herança muito preciosa. Preservar adequadamente esta herança exigirá um respeito renovado pela liberdade religiosa e pelos princípios democráticos que a sustentam. Este respeito surgirá mais rapidamente à medida que os indivíduos e os governos compreenderem e reconhecerem o lugar vital que a religião tem na sociedade.

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia